

# AS RESPOSTAS DOS INTELECTUAIS À UNIÃO EUROPEIA DE HAIA: CULTURA EUROPEIA E DIVERSIDADE CULTURAL

Isabel Baltazar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2464-8886>

## Resumo

A experiência da segunda guerra leva ao despontar de movimentos culturais a favor de uma Europa Unida que vinham dar resposta ao apelo político de Winston Churchill sobre a necessidade dos *Estados Unidos da Europa*. O *Congresso para a Europa Unida* realizado em Haia ficaria, para sempre, marcado como um dos momentos fundamentais para impulsionar a União Europeia, a tal ponto que ficaria conhecido como o *Congresso da Europa*. Contou com a participação de cerca de oitocentas personalidades de grande importância, representativas dos vários países e áreas políticas, além das figuras mais proeminentes do pensamento europeu – escritores, eclesiásticos, cientistas e economistas. O Comité Cultural presidido por Salvador Madariaga, tendo como relator Denis de Rougemont, foi fundamental para pensar a Europa, conjugando a unidade na diversidade, ultrapassando os nacionalismos e criando uma comunidade espiritual ou uma união de culturas.

**Palavras-Chave:** Europa; Cultura; Diversidade; Congresso Haia.

## **Abstract**

The experience of World War II led to the emergence of cultural movements in favor of a United Europe that came to respond to Winston Churchill's political appeal about the need for the United States of Europe. The United Europe Congress held in The Hague would forever be marked as one of the key moments in boosting the European Union, to the point that it would be known as the European Congress. Some 800 prominent personalities from various countries and political areas participated, as well as the most prominent figures in European thought - writers, ecclesiastics, scientists and economists. The Cultural Committee chaired by Salvador Madariaga, and Denis de Rougemont, was fundamental in thinking about Europe, combining unity in diversity, overcoming nationalism and creating a spiritual community or a union of cultures.

**Keywords:** Europe; Culture; Diversity; The Hague Congress.

### **1. O “Congresso da Europa” em Haia (7-11 maio de 1948)**

Anteriormente, o Congresso de Montreux, convocado pela União Europeia dos Federalistas, serviu para dinamizar e organizar as ações a favor da Europa Unida e o plano dos Estados Gerais da Europa. Na mesma altura, Winston Churchill continuaria o seu apelo aos Estados Unidos da Europa. Curiosamente, seriam duas tendências diferentes – federalista e unionista – a darem origem ao Congresso da Haia<sup>1</sup>.

Na sequência da variedade de ações em prol da Unidade Europeia surgiu, por necessidade prática, uma organização com a finalidade de conjugar esforços: o Comité Internacional de Coordenação dos Movimentos para a Unidade Europeia. Embora aparecesse em 1947, só no ano seguinte se realizou uma reunião com o objetivo de congregar os vários esforços federalistas. Este *Congresso para a Europa Unida* realizado em Haia ficaria, para sempre, marcado como um dos momentos fundamentais para impulsionar a União Europeia, a tal ponto que ficaria co-

---

<sup>1</sup> Para dar conta da atmosfera deste Congresso, discursos e discussões lá ocorridas, servimo-nos, antes de mais, dos fundos da documentação diplomática portuguesa.

nhecido como o *Congresso da Europa*. Reuniu cerca de vinte movimentos federalistas coordenados pela dinamização do polaco Józef Retinger.

Contou com a participação de cerca de oitocentas personalidades de grande importância, representativas dos vários países e áreas políticas, além das figuras mais proeminentes do pensamento europeu – escritores, eclesiásticos<sup>2</sup>, cientistas e economistas<sup>3</sup>. Saliente-se a presença de numerosos políticos, entre os quais, dezasseis antigos presidentes do Conselho e vários ex-ministros, sendo de destacar a presença de figuras como Winston Churchill, a quem coube a presidência de honra, De Gasperi, Paul-Henri Spaak, Robert Schuman, Jean Monnet, Paul Reynaud e Léon Blum. Lá estaria, também, uma delegação alemã dirigida por Konrad Adenauer, presidente da ala política democrata-cristã.

Para preparar este Congresso, formaram-se três comissões executivas – política, económica e cultural – e comissões nacionais responsáveis pela nomeação de delegados dos parlamentos, partidos, sindicatos, religiões, ligas feministas, universidades e intelectuais. A coordenação agrupava a União Europeia dos Federalistas (Brugmans), a United Europe Committes (Churchill), a Liga Económica de Coordenação Europeia (Van Zeeland), o Conselho Francês para a Europa Unida (Dautry), as Novas Equipas Internacionais (Bichet) e a União Parlamentar Europeia (Coudenhove- Kalergi).

A comissão política do Congresso era presidida por Paul Ramadier, socialista francês, e propunha a criação de uma Assembleia Parlamentar Europeia com representantes dos parlamentos nacionais. Alguns federalistas, como Paul Reynaud, queriam, no entanto, ir mais longe e criar um verdadeiro parlamento europeu eleito por sufrágio direto. Havia, ainda, um Comité Económico e Social, presidido pelo belga Paul Van Zeeland, e um Comité Cultural cuja presidência cabia a Salvador Madariaga, ten-

---

2 É de referir que o próprio Papa Pio XII envia um seu representante a este Congresso para demonstrar a adesão da Santa Sé à ideia de uma União dos Povos.

3 Este Congresso realizado em Haia faz-nos lembrar o não menos significativo Congresso de Viena (1929), de onde sairia o pioneiro manifesto a favor da unidade europeia – o Manifesto de Viena. Aquele encontro, como este que tratamos, teve uma influência extraordinária e a presença da “fina flor” do pensamento europeu, demonstrado o interesse dos intelectuais pela ideia europeia e a sua adesão à União da Europa.

do como relator Denis de Rougemont. Este último reconheceria que o congresso no plano político tinha como objetivo a paz, economicamente a prosperidade dos seus estados e, culturalmente, a união na diversidade, ultrapassando os nacionalismos e criando uma Comunidade Espiritual. Era esse o sentido do texto final, escrito, também, por Denis de Rougemont onde se procurava conciliar as tendências federalistas com as unionistas, propondo, apenas, a criação de uma Assembleia Europeia que estudasse a via para alcançar os fins comuns a todos.

O que se pretendia era criar uma Europa Unida não pela força, nem pela resistência, mas pela harmonização de vontades livres, como reconhecia Aron. Uns escolhiam a via política, como Michel Debré, propondo a criação de uma república federativa europeia e uma constituição europeia. Na mesma linha se situava o discurso de Churchill:

“Devemos proclamar a missão e concepção de uma Europa Unida, cujo conceito moral granjeará o respeito e a gratidão da humanidade e cujo poder físico será tal que ninguém ousará molestar o seu tranquilo percurso... Espero ver uma Europa em que os homens e mulheres de todos os países darão a mesma importância ao facto de serem europeus como ao facto de pertencerem ao seu torrão natal e em que para toda a parte que forem neste vasto domínio possam pensar verdadeiramente Aqui estou em minha casa”<sup>4</sup>.

Outros, de uma forma mais “límpica” e sonhadora, como seria próprio de intelectuais, falavam de uma União de Culturas. A esse propósito, vale a pena referir o sentimento de Madariaga quando dizia:

“Esta Europa tem de nascer. E nascerá quando os espanhóis disserem a *nossa Chartres*, os ingleses a *nossa Cracóvia*, os italianos a *nossa Copenhaga*; quando os alemães disserem a *nossa Bruges* e recuarem horrorizados perante a ideia de alguma vez levantarem a mão agressora contra ela. Então, a Europa viverá, porque será então que o Espírito que conduz a História terá pronunciado as palavras criadoras: *Fiat Europa*”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Discurso de Winston Churchill pronunciado a 19 de Setembro de 1946, em Zurique, in *60 Anos de Europa. Os Grandes Textos da Construção Europeia*, Lisboa, Parlamento Europeu, 2008, p. 1

<sup>5</sup> *Idem, ibidem.*

Embora fosse comum a defesa da unidade da Europa, esta era entendida a níveis diversos de aprofundamento. Se uns faziam a apologia da criação de uns verdadeiros *Estados Unidos da Europa*, optando pela via da federação política, outros, mais cautelosos, entendiam ser possível essa *União Europeia*, sem transferências de soberania por parte dos Estados, querendo, sobretudo, alcançar um bom nível de cooperação interestadual. A primeira, a corrente federalista, pretendia realizar um federalismo imediato; a segunda, a corrente pragmática, optava pelo método dos “pequenos passos”, através de um entendimento progressivo entre os Estados, cuja via seguida não seria a integração mas a cooperação. Afinal, o que estava em causa, era a opção entre manter a soberania dos Estados, seguindo o método funcionalista, ou aprofundar a via supranacional pelo método federalista.

Das discussões entre os que acreditavam nas virtualidades do federalismo e os que pretendiam alcançar resultados mais realistas, conseguiu chegar-se a uma solução de compromisso. Esta passava por encontrar um meio-termo entre as duas grandes teses apresentadas, fundado no desejo de todos em “Construir a Europa”. Federalistas e Pragmáticos estavam reunidos por uma causa comum: a Unidade Europeia. Parecia que era difícil conseguir conciliar o, aparentemente, inconciliável: a supranacionalidade com a inviolabilidade das soberanias nacionais. Acabaria por ser aprovada, por unanimidade, uma Moção Final propondo a criação de uma Assembleia Europeia<sup>6</sup>. Esta ficaria responsável por fazer avançar o projeto europeu, definindo a sua natureza, confederal ou federal, que refletisse a sensibilidade da opinião pública europeia, e criasse um tribunal para a defesa dos Direitos do Homem. As resoluções deste Congresso ficariam registadas num manifesto, intitulado *Mensagem aos Europeus*, que dizia:

---

<sup>6</sup> É de referir que a criação de uma Assembleia Europeia contou, desde o início, com a oposição da Grã-Bretanha, apresentada por Ernest Bevin, Ministro dos Negócios Estrangeiros.

“A Europa está ameaçada, a Europa está dividida, e a mais grave das ameaças advém das suas divisões. Empobrecida, cheia de barreiras que impedem os seus bens de circular, mas não a protegem, a nossa Europa desunida avança à sua perdição.

Nenhum dos nossos países pode pretender, sozinho, a uma defesa séria da sua independência. Nenhum dos nossos países pode resolver, sozinho, os problemas que a economia moderna lhe coloca. Se não existir uma união livremente consentida, a nossa anarquia presente expor-nos-á amanhã à unificação forçada, quer pela intervenção de um domínio do exterior, quer pela usurpação de um partido do interior.

A hora a que assistimos exige se empreenda uma acção à medida do perigo iminente. Todos juntos, no futuro, podemos edificar com os povos associados ao nosso destino, a maior formação política e a mais vasta união económica do nosso tempo. Nunca a história do mundo assistiu a tamanha união de homens livres [...].

Nós europeus querendo dar voz a todos os povos deste continente, declaramos solenemente essa vontade comum nos cinco artigos seguintes, que resumem as resoluções adoptadas pelo nosso Congresso:

- 1.º Queremos uma Europa Unida onde circulem livremente os Homens, as ideias e os bens.
- 2.º Queremos uma Carta dos Direitos do Homem, garantia da liberdade de pessoas, reunião e expressão, assim como a livre oposição política.
- 3.º Queremos um tribunal de justiça capaz de aplicar as sanções necessárias para que seja respeitada a Carta.
- 4.º Queremos uma Assembleia Europeia, onde estejam representadas as forças vivas de todas as nações.
- 5.º E tomamos de boa fé o compromisso de unirmos todos os nossos esforços... pela paz e pelo futuro desta e das próximas gerações”<sup>7</sup>.

As resoluções da Comissão Política, presidida por Paul Ramadier, antigo Presidente do Conselho francês, insistiam na necessidade de partilha da soberania e na necessidade de integrar a Alemanha nesta Europa Unida, a fim de evitar a sua ameaça. No entanto, foi apenas proposta a criação de uma Assembleia Europeia, composta por representantes dos parlamentos dos Estados, contra a proposta de sufrágio universal, proposta por Paul Reynaud, também antigo Presidente do Con-

---

<sup>7</sup> “Manifesto aos Europeus”, in Denis de Rougemont, *Ving-buit siècles d'Europe*, Paris, Payot, 1961, pp. 409-410.

selho francês. Embora os poderes da Assembleia ficassem bem aquém dos desejos dos federalistas, o Congresso de Haia teve o mérito indiscutível de estabelecer “uma espécie de programa mínimo de organização europeia, enunciar os seus objectivos gerais e sugerir os meios de realização”. Mas mostrou muita prudência no plano institucional a tal ponto que Paul Ramadier afirmaria: “Nós vimos em Haia que a ideia reacionária da soberania nacional acabaria por não ser defendida por ninguém”. Vinte anos mais tarde, Denis de Rougemont constataria:

“Tudo saiu do Congresso de Haia em Maio de 1948: as primeiras instituições europeias, parlamentares, jurídicas, culturais, técnicas, os princípios gerais do Mercado Comum, mas também a recusa de dotar essas instituições de um poder de decisão política imposta por vontade popular, quando se sentia que tal seria possível. Reunido numa atmosfera de entusiasmo e fervor, o Congresso de Haia teve igualmente como efeito alertar a imprensa e a opinião pública quanto à importância do problema europeu”<sup>8</sup>.

Estavam criadas as bases para uma futura união política europeia. A fim de harmonizar a dispersão de movimentos a favor da União da Europa foi, ainda, decidido criar o Comité para a Europa Unida, embrião do futuro Movimento Europeu<sup>9</sup>.

Em termos de resoluções concretas foi decidida a criação do Conselho da Europa que conjugasse a defesa dos Direitos do Homem num tribunal próprio com uma Assembleia Europeia que tratasse das outras matérias relevantes. A nível da economia comum falou-se da necessidade de criar instituições próprias a esse fim, que coordenassem não só as políticas económicas dos vários Estados como, também, abolissem os entraves à liberdade de comércio, como, por exemplo, as restrições às importações e exportações e os direitos alfandegários. Finalmente, a nível cultural, foi proposta a criação de um Centro Europeu de Cultura

---

<sup>8</sup> Pierre Gerbet, *La construction de l'Europe*, Paris, Imprimerie Nationale, 1994, p. 61.

<sup>9</sup> Esta referência já foi feita a propósito do historial sobre a União Política da Europa.

que viria a instituir-se a partir de 1949, em Genebra, sob a direção de Denis de Rougemont<sup>10</sup>.

Embora seja de reconhecer a ambiguidade dos resultados, demonstrada até pelo uso indiscriminado de expressões como “união” e “federação”, Haia teve o mérito indiscutível de difundir os valores democráticos contra qualquer forma de totalitarismo, de esquerda ou de direita, e de criar uma opinião pública europeia consciente das questões a resolver no âmbito político e económico da Europa, e favorável à Unidade Europeia. Embora não tivesse chegado a propor um governo ou autoridade europeia foi, no entanto, um momento determinante na defesa da Ideia Europeia e um momento de viragem na Europa, já que dele emergiu um programa de ação, inscrito num *Manifesto Europeu*. Teve, também, o mérito de verdadeiramente criar o Movimento Europeu, a partir do qual surgiriam instituições relevantes para a Construção Europeia: o Centro Europeu da Cultura, o Conselho da Europa e o Tribunal dos Direitos do Homem, além de estar na génese das Comunidades Europeias.

Para os federalistas, o Congresso poderia ter ido mais longe não fossem os Ingleses:

“Um desejo evidente de êxito, nascido do sentimento geral da gravidade do que estava em jogo, teria, sem dúvida, levado o Congresso muito mais longe, se não tivessem sido os Britânicos. Antes de Haia, muitos pensavam que o conflito principal oporia os trabalhistas aos conservadores. É conhecer mal os Ingleses. O único conflito profundo que dividiu o congresso foi a oposição surda entre a frente comum dos insulares e as iniciativas dispersas (no plano tático) dos continentais. A oposição pode resumir-se em duas réplicas que anotei durante os debates da comissão política – Harold Macmillan: *Lembrem-se do vosso provérbio francês hâte toi lentement*; Paul Reynaud: *Curioso slogan para propor a alguém que está prestes a afogar-se*”<sup>11</sup>.

---

10 Ver o documento sobre as resoluções adotadas no Congresso da Europa, em Haia: Comité Internacional de Coordenação dos movimentos para a Unidade Europeia, *Résolutions*, Paris-Londres, 1948.

11 Denis de Rougemont, *L'Europe en Jeu: trois discours suivis de documents de La Haye*, Neuchâtel, Éditions de la Baconnière, 1948, pp. 134-135.

Todos tinham o mesmo objetivo. Todos divergiam nos métodos a seguir. Para alguns, devia constituir-se um laço federal que pressupunha transferências de soberania, “unindo na diversidade”. Outros, mais radicais, propunham uma Assembleia europeia eleita por sufrágio universal.

Curiosamente, a Europa acabaria por se erguer pelas duas vias: da cooperação e da integração. A primeira, realizada a três níveis – económico, político e de defesa – e a segunda edificaria a Europa através, finalmente, do sonhado “laço federal” proposto pela primeira vez na Sociedade das Nações e concretizado pela Declaração de Robert Schuman de 9 de maio de 1950. Era ainda um embrião mas já o princípio da aplicação da supranacionalidade, que, para os europeístas era um prenúncio, e para os mais entusiastas, já o início dos *Estados Unidos da Europa*.

## **2. Reflexos na Imprensa**

Tal como acontecera no período entre as duas guerras, a ideia de Europa continua a afirmar-se a seguir à Segunda Guerra, quer a nível do pensamento quer a nível da ação política. Esta última, não fica, no entanto, ao nível das ideias; desta vez, será o início de um processo de verdadeira construção europeia. Mas não pode haver nenhuma construção sem alguma ideia preliminar; por isso, também, a construção europeia, agora no horizonte, precisa e vive de uma(s) ideia(s) de Europa.

Curiosamente, com Haia encontrámos dois tipos de notícias: as que falam da verdadeira realidade da Europa e, as outras, e para nós, as mais interessantes, que continuam a pensar a Europa<sup>12</sup>. Serão estas as escolhidas para análise e reflexão.

### **a) O Congresso da Europa**

Na verdade, embora Haia ficasse conhecido como o “Congresso da Europa”, muitos outros congressos tiveram, igualmente, como preocupação a Europa. Um deles ficaria conhecido como Congresso de Mon-

---

<sup>12</sup> Pela vastidão dos artigos de imprensa encontrados para o período em estudo, seleccionámos, apenas, aqueles que apresentavam um pensamento sobre a Europa.

treux, durante o qual se agitou a ideia federalista, apresentada pelos movimentos europeus. Curiosamente, um português seria testemunha dos trabalhos desse congresso, cujas reflexões apresentaria ao *Diário de Notícias*. Trata-se de Armando Marques Guedes, protagonista desse evento, relatado na edição de 3 de setembro de 1947. Ao congresso dos federalistas mundiais sucedia-se este, o dos federalistas europeus. O que é e o que pretende este movimento federalista? Já Einstein dizia que “a bomba atômica e outras armas de destruição e de morte constituíam e constituem ameaça de tal monta e gravidade para a civilização e até para a própria existência da humanidade, que uma única solução existe para assegurar a sobrevivência duma e doutra: – a fundação do Estado Universal”<sup>13</sup>. Citando o autor da teoria da relatividade, Marques Guedes questiona-se sobre a pertinência das soberanias nacionais face ao surgimento de um Superestado Universal. Primeiro, o caminho seria o federalismo regional, depois o continental, até serem eliminados os conflitos de soberanias, a nível político, e os de mercado, a nível económico:

“Será isto um sonho côr-de-rosa, uma segunda edição da República de Platão, um novo ciclo do reinado das utopias? Em grande dose – ai de nós! – assim é. Não estamos por ora a caminho de um federalismo, mas, porventura, de dois federalismos europeus. Em torno da Rússia *de gré ou de force*, vai-se nucleando um federalismo, do Mar do Norte ao Mar Negro. No Ocidente, apenas se esboça timidamente uma outra federação por ora fortemente contida pelas ameaças e pelos *vetos* do Kremlin e minada pela acção das *quinta-colunas* comunistas”<sup>14</sup>.

Mesmo chegando aos federalismos continentais, como o europeu, as guerras seriam inevitáveis. Mas a ideia de federalismo não deve ser abandonada, como uma espécie de aspiração para onde podem convergir todos os esforços.

---

13 “Uma ideia que se agita em Montreux – em que consiste e o que pretende o movimento federalista”, *Diário de Notícias*, 3 de setembro de 1947, pp. 1 e 2.

14 *Idem, ibidem*.

## “Elaborando a União Europeia”

É sob o título “Elaborando a União Europeia” que o jornal *A Voz* vai descrever os acontecimentos de Haia. O Congresso, dividido em dois grupos, parece evidenciar as próprias divisões sobre qual deve ser o futuro europeu. Churchill apela a uma consolidação da Europa antes de ser iniciada a federação europeia; Henri Brugman protagoniza o grupo dos que pretendem a federação imediata. Ambas as posições mereceram aplausos por parte do Congresso, o que significa que a União Europeia se encontra dividida sobre o rumo a tomar:

“Paul Ramadier, antigo presidente do Conselho de França e presidente da Comissão política do Congresso, apoia o plano de Churchill apresentado ontem no discurso de abertura do Congresso. O discurso de Brugman pede uma Federação completa da Europa, como essencial para a salvação do continente. O discurso de Brugman foi quase tão aplaudido como o de Churchill. Henri Brugman nesse discurso pede a criação de uma Europa *supranacional* em que a soberania nacional seja definitivamente abandonada a favor de uma realização revolucionária do continente numa vasta escala”<sup>15</sup>.

Estas duas posições iriam revelar-se-iam nas diferentes comissões do Congresso – política, económica e cultural –, o que se torna muito interessante para mostrar que os projetos em torno de uma Europa Unida pretendem edificar uma Europa no seu todo (Ocidental e Oriental) e não, apenas, na sua faceta política. Mas a ideia de federação, conceito eminentemente político, é aquela que mais se discute e projeta para a opinião pública, desenvolvida pela comissão política do Congresso. Esta pretende erguer uma Europa unida no seu todo geográfico, como pode entender-se pela moção apresentada por Duncan Sandys, que pretende unir os “povos de todos os países europeus, incluindo os cidadãos das nações atrás da cortina de ferro”<sup>16</sup>. Por isso, todos estão, à partida,

---

15 “Elaborando a União Europeia. O Congresso de Haia parece estar dividido em dois grupos com critério diferente acerca da Federação”, *A Voz*, 9 de maio de 1948, pp. 1 e 5.

16 *Idem, ibidem*.

convidados a estarem representados em Haia, só pelo facto de pertencerem a uma civilização cristã, razão tão invocada por Churchill<sup>17</sup>. Mas esta razão mostrava-se frágil: “Se, como Churchill propôs, se pretende unir aqueles que defendem a civilização cristã contra as forças subversivas tirânicas que a ameaçam, o que interessa saber é o grau de resistência que as forças cristãs oferecem às anti-cristãs dentro de cada nação, afim de se saber o valor que a união e concerto delas no plano europeu poderá assumir. Viu-se porém que o congresso pensou em coisas muito diferentes e até opostas”<sup>18</sup>.

### **“Uma Europa Unida é necessidade vital”: o discurso de Winston Churchill**

O *Diário Popular*, de 7 de maio de 1948, iria reproduzir extratos significativos do discurso de Churchill em Haia. Na sessão inaugural do Congresso afirmaria que a união da Europa era vital para si própria e para o mundo. E o presidente do Congresso continuaria o seu discurso, perante 800 delegados dos países da Europa Ocidental, dizendo:

“Desde que falei sobre o assunto em Zurique no ano de 1946 e desde que foi lançado o movimento britânico para a unidade europeia, em Janeiro de 1947, os acontecimentos precipitaram-se para além das nossas expectativas. Esta causa é ou de importância vital ou de carácter meramente académico. Nesta última hipótese seria melhor abandoná-la. Mas, trata-se de uma necessidade vital para a Europa e para o Mundo nesta hora sombria para que a luz se torne mais brilhante e a esperança mais forte nos corações e nos pensamentos dos homens e das mulheres de muitos países. É por isso que é indispensável que aconteça. Os grandes governos ligaram-se com todo o seu potencial efectivo. [...] Trata-se de um movimento de povos e não de partidos. A Europa não pode unir-se sob o domínio de qualquer nação. A União deve pertencer a todos”<sup>19</sup>.

---

17 Ver o artigo sobre “O Congresso de Haia”, *Novidades*, 12 de maio de 1948, pp. 1 e 3.

18 *Idem, ibidem*.

19 Discurso de Winston Churchill, “Uma Europa unida é necessidade vital para todo o mundo nesta hora sombria”, reproduzido no jornal *Diário Popular*, 7 de maio de 1948, pp. 1 e 4.

Outro jornal, *A Voz*, de 8 de maio de 1948, reproduziria, também, as passagens essenciais do discurso de Churchill, completando o que já havia sido objeto das referências citadas no parágrafo anterior. Sobre a auctoria da ideia da união europeia, refere o nome de Henrique de Navarra. No Congresso, estão reunidos os chefes políticos de todos os países livres da Europa, estadistas de todos os partidos políticos, figuras proeminentes de todos os credos, escritores eminentes, enfim, representantes de todos os povos ali presentes. A herança cultural e espiritual da Europa e os Direitos Humanos são as prioridades a salvaguardar, estes últimos a considerar na Carta dos Direitos Humanos que se iria elaborar. A Unidade da Europa é o objetivo prioritário:

“O nosso objectivo é nada menos toda a Europa. Exilados ilustres da Checoslováquia, de quase de todos os países da Europa Oriental e da Espanha, encontram-se entre nós: pretendemos a participação de todos os povos do continente europeu cuja sociedade e forma de vida não estejam em desacordo com a Carta dos Direitos Humanos e a sincera expressão de uma democracia livre. [...] O nosso objectivo não pode deixar de ser senão uma Europa Unida e olhemos para o futuro com confiança, para o dia em que isso seja possível. A princípio preocupei-me com a ideia de que os Estados Unidos da América considerassem com hostilidade a ideia de se organizarem os Estados Unidos da Europa. Rejubilo-me, porém, pelo facto de a grande República, numa época em que tem o comando do Mundo, já ter manifestado a sua opinião... Em vez de mostrarem ressentimento pela criação duma União Europeia, os Estados Unidos saudaram com entusiasmo a ideia e procuram ardentemente auxiliar a ressurreição do que se chama o Velho Mundo e que se encontra agora em perfeita união com o Novo Mundo”<sup>20</sup>.

O projeto da União Europeia estava de acordo com os princípios da Organização das Nações Unidas, e a criação de uma nova Europa concorria, afinal, para a mesma paz. O Congresso serviu para dar uma voz à Europa e seria, apenas, o primeiro passo de uma Europa que desejava estar unida e, por isso, precisava de constituir outra Assembleia Europeia que desse continuidade a esta, e correspondesse, afinal, aos desejos de uma grande parte da Humanidade.

---

20 Discurso de Winston Churchill em Haia, *A Voz*, 8 de maio de 1948, p. 1 e 6.

## **Ainda os Estados Unidos da Europa?**

Mesmo no rescaldo do Congresso em Haia, o jornal *Sol* publicaria um artigo de Albert Mousset sobre os *Estados Unidos da Europa*. O seu autor vai mais longe e, na linha de Victor Hugo, considera a Europa Unida como o princípio de uma federação mundial. Evocando o escritor de *Os Miseráveis*, quando há um século falava dos Estados Unidos da Europa e da paz do mundo como uma realidade para o século XX, o autor citado interpreta os recentes acontecimentos a essa mesma luz. Entusiasma-se, por isso, com o facto de estar na moda a ideia federal e que ela tenha passado das elites para a sociedade em geral. Uns, como Churchill, acreditam na unidade europeia, outros, ainda mais otimistas, creem na federação planetária, aplaudida pelo sr. Bevin, desenvolvida em Montreux, e que daria origem à Carta Mundial, da autoria de professores de Chicago, Harvard e Stanford. Será possível tal realidade ou puras especulações de espírito? – interrogava o autor. Para serem mais do que utopias precisariam, segundo Mousset, que os povos se abrissem à universalidade e não à união de interesses. São necessárias novas solidariedades, a começar pela própria solidariedade europeia. No entanto, “mesmo utópicas as campanhas federalistas, são feliz augúrio: mostram que o mundo procura o seu caminho na boa direcção”<sup>21</sup>.

### **b) Reflexões sobre Haia: Augusto de Castro**

Portugal acompanha, de perto, aquilo que se vai passando na Europa. Os jornais são uma prova disso mesmo e vão muito para além das simples notícias. Um cronista que se destaca é Augusto de Castro, então, diretor do Diário de Notícias, que impressiona pela profundidade dos seus editoriais que, em grande número, são sobre a Europa, muito antes do Congresso, em Haia, o que mostra que a sua preocupação não é, meramente, circunstancial. Também, depois de Haia, o escritor

---

<sup>21</sup> Albert Mousset, “Estados Unidos da Europa ou Federação Mundial?”, *Sol*, 15 de maio de 1948, pp. 1 e 11.

continuará a debruçar-se sobre a situação europeia, numa sequência de editoriais sobre o assunto.

### **“Quando se olha a Europa”: antes de Haia**

Uma reflexão do *Diário de Notícias*, de 31 de dezembro de 1941, procura descrever a Europa a seguir à Primeira Guerra, tendo a impressão de se viverem tempos não de paz, mas, de angústia da guerra. Parece até que a *Nova Europa*, tão falada para designar outra Europa é, apenas, uma Europa que se prepara para uma nova guerra, embora disfarçada de intenções de paz e de reorganização económica e militar:

“É preciso considerar, antes de mais nada, se se quiser dar ao problema a sua realidade política e não apenas uma solução ideológica, que a paz não é somente arrumação geográfica. Paz significa, acima de tudo, segurança e confiança. A ordem é também um facto moral. A normalidade material supõe um mínimo de tranquilidade nos espíritos”<sup>22</sup>.

A paz a construir terá de ser diferente daquela alcançada a seguir à guerra; há que criar outra, mais sustentável do que a paz falida de 1918. A solução apresentada tem a ver com a consideração dos aspetos da arquitetura europeia: condições históricas, étnicas, físicas, económicas e políticas. Augusto de Castro parece não acreditar na unidade europeia. Pelo menos no sentido da ausência de pluralismo cultural. A pluralidade da Europa foi sempre uma realidade: pluralidade de raças, de povos e de civilizações. E, por isso mesmo, graças à pluralidade, a Europa, o mais pequeno continente, expandiu-se. A pluralidade é, assim, um problema, quando se pretende criar à força uma unidade europeia e uma riqueza, numa Europa tão diversa que se abre à universalidade. A Europa é multiforme:

---

<sup>22</sup> Augusto de Castro, “Quando se olha a Europa”, *Diário de Notícias*, 31 de dezembro de 1941, p. 1.

“Há uma Europa oriental e uma Europa insular. Há uma Europa ocidental e há uma Europa marítima e atlântica, de que a civilização portuguesa é o tipo definido. Basta considerar a nossa existência nacional. A nossa história é muito mais universal do que europeia. Com excepção da nossa situação peninsular, Portugal não tem problemas exclusiva e propriamente europeus. Em contraposição, não há problema algum de expansão universal de índole intercontinental a que possamos considerar-nos estranhos. Essa multiformidade de território e de alma, essa fermentação de raças são condições da constituição histórica europeia – e significam, certamente, a maior dificuldade duma paz continental que procure restituir à Europa o seu carácter, a sua prosperidade, a sua acção e a sua fecunda projecção no mundo [...]. Seja qual for a solução da guerra, seja quem for o vencedor, a solução da paz europeia terá de ser procurada, para ser real, nas próprias raízes da Europa. Essa é a magnitude, a ansiedade do problema. A paz é, a despeito de tudo, o maior problema da guerra”<sup>23</sup>.

E essa ideia de Europa seria retomada cerca de um ano antes de Haia quando, em editorial publicado no *Diário de Notícias*, de 24 de agosto de 1947, escreve sobre “A única Europa”. Perante os perigos que a ameaçam, “comprimida entre dois poderosos antagonismos que lhe são, um, espiritualmente hostil e o outro geograficamente estranho, a Europa, hoje cada vez menos senhora dos seus destinos, atravessa uma das mais graves crises da sua existência”<sup>24</sup>. Que futuro para a Europa? Parece iminente um conflito perante a oposição de dois imperialismos no Mundo. O equilíbrio conseguido no passado só foi possível graças ao poder das forças internacionais. Geograficamente a Europa já é um problema, para não falar das várias idiosincrasias espirituais e políticas. E no Mundo há, ainda, a considerar as forças antieuropeias e extraeuropeias, que rivalizam com uma Europa enfraquecida, mas que continua a ser uma terceira força ideológica, geográfica e histórica. No seu seio, um bloco ocidental continua a manter as tradições continentais e a servir de referência à ordem mundial. Assim, e por paradoxo, a Europa aparece como vítima e como árbitro internacional: “Mas para isso será preciso que exista uma política europeia. É essa política que a Améri-

---

23 *Idem, ibidem.*

24 “A única Europa”, *Diário de Notícias*, 24 de agosto de 1947, p. 1.

ca pede em vão à Europa. Ela é talvez a última contingência e a última probabilidade de Paz”<sup>25</sup>.

Perante a situação europeia, que a todo o custo procura reorganizar-se, constituiu-se até uma Conferência Internacional para a Reconstrução Europeia, “Conferência dos Dezasseis”, no seio da qual já se pensa na criação de uma união aduaneira europeia. No entanto, adverte o articulista de que é necessário cuidado para não avançar depressa demais, acabando por cair em utopias já repetidas no passado e que podem, ainda mais, paralisar a Europa. A “Única Europa” possível é, para o autor, partir da sua pluralidade, condição histórica e geográfica da sua existência:

“O que importa é criar uma unidade moral ocidental e só depois será possível caminhar para uma solidariedade e um entendimento económicos compatíveis com as indispensáveis autonomias e diversidades nacionais. É mesmo do inteiro respeito dessas diversidades e da sua independência que poderá advir a possibilidade de uma verdadeira política ocidental. Para isso, será indispensável, antes de mais nada, excluir do espírito que preside às relações internacionais dos Estados e dos Povos, que verdadeiramente queiram formar uma estabilidade ocidental, qualquer propósito claro ou oculto, directo ou indirecto, de interferências ideológicas. É preciso separar, para as finalidades de Governo, política nacional – de política internacional. Estabelecida essa primeira condição, a identidade incontestável duma civilização latino-ocidental fornecerá facilmente o fundamento para a constituição duma frente única de cultura e de solidariedade política. A indiscutível interdependência de interesses geográficos e económicos fornecerá, igualmente, a base duma política económica, em que os recursos, as necessidades de cada um possam harmonizar-se com os recursos e as necessidades comuns”<sup>26</sup>.

É esta a única Europa capaz de resultar, conduzindo à sua própria restauração; só depois pode esperar e aceitar a ajuda americana, que não contribui para a sua identidade, mas tão só para a sua reconstrução económica, como aliás foi reconhecido pelo próprio sr. Marshall. Para essa política ocidental europeia muito contribuirá a restauração da

---

25 *Idem, ibidem.*

26 *Idem, ibidem.*

Inglaterra e da França, travões essenciais a qualquer ameaça exterior, particularmente asiática. Só assim será possível conter a crise europeia; só assim será eficaz a ajuda americana. A “Única Europa” chama-se Europa Ocidental.

### **Uma posição “reservada” em relação aos Estados Unidos da Europa: durante Haia**

Um editorial do *Diário de Notícias*, escrito dois dias após Haia, tem uma posição bem mais moderada em relação aos *Estados Unidos da Europa*. O seu diretor, Augusto de Castro, um atento observador dos acontecimentos europeus, e autor de outros escritos não jornalísticos sobre esta temática<sup>27</sup>, mostra muita cautela quando se pronuncia sobre ideias demasiado otimistas em relação ao futuro da Europa. As suas palavras parecem fazer transparecer um certo realismo que contrasta com o excesso de otimismo dos que esperam demais da construção europeia:

“Foram anunciados mil, afinal, pelas últimas notícias, são apenas oitocentos os homens de Estado agora reunidos na Haia no chamado Congresso da União Europeia. Discurso do Sr. Churchill, excelente. Outros ótimos discursos. Mas já, na primeira sessão, os federalistas, partidários da Federação Europeia, se pronunciaram contra os defensores (entre os quais é desde já necessário incluir o sr. Churchill, como o sr. Bevin) de um programa mais realista e modesto, procurando apenas reunir as soberanias do Ocidente em torno dum entendimento imediato de defesa e cooperação internacionais”<sup>28</sup>.

Mostrando a sua incredulidade sobre esta forma tão “rápida” de construir a Europa, Augusto de Castro acaba por ir apresentando, também, a sua própria forma de pensar a Europa: uma Europa Unida seria, sem dúvida, uma “necessidade vital”, como afirmara Churchill, mas essa sal-

---

<sup>27</sup> Veja-se a obra de Augusto de Castro, *Imagens da Europa: Vistas da minha Janela*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1936.

<sup>28</sup> Augusto de Castro, “Haia ou Bizâncio”, *Diário de Notícias*, 9 de maio de 1948, p. 1.

vação só poderia ser efetiva se construída com base no realismo e não na excessiva ambição, que acabava por ser uma utopia:

“Para atingir o resultado, que constituiria talvez a salvação da Europa e marcaria, de todas as formas, uma renovação de esperanças e de segurança no mundo, preferiu-se ao processo mais lento, mas incomparavelmente mais eficaz, das negociações diplomáticas normais, pelo menos até se concluir a fase preparatória – preferiu-se à acção directa e limitada dos governos responsáveis a espectacular oratória e vasta publicidade duma super-assembleia de estadistas de todos os graus. Mil ou oitocentos ou mesmo setecentos homens para representar dezasseis nações afigura-se-nos ligeiramente excessivo. O Mundo verga ao peso de tantos salvadores”<sup>29</sup>.

Num discurso, como se vê, pautado pela ironia, o autor que pensa a Europa mostra não acreditar num “milagre” europeu, ainda por cima tão cheio de espetáculo, dando, ou querendo dar, a impressão de que se trata de uma vontade quase de massas, muito para além das próprias vontades estaduais. Mas, afinal, parece haver tudo menos o essencial: o empenho dos governos representados! Interroga-se o editorialista se “seriam todos estadistas” os que estavam em Haia e, nesse caso, seriam certamente demais; se não eram, já que se tratava de uma questão política a ser discutida, de que valiam os outros, os espectadores?

No entanto, esta posição não revela antieuropeísmo ou falta de simpatia pelo princípio de uma Europa Unida. Revela, antes, uma certa prudência perante uma ideia que sendo boa, quando partindo da União Ocidental, se desenvolve num projeto de União Europeia, lançado por Churchill, mas sofrendo aparentemente de excesso de ambição ou de otimismo. A Europa estava, então, cheia de palavras, de discursos, de ideias, mas de poucas ações concretas que congregassem, efetivamente, a paz. E, por isso, era inviável a Europa esboçada em Haia, tal como o tinha sido em Genebra:

---

29 *Idem, ibidem.*

“Para quê continuar a iludir as realidades? Para quê repetir processos de direcção internacional cujo malogro três anos de mal-entendidos, de erros, de conduta, de falência total de objectivos transformaram em três anos de dramáticas decepções? Porque não encarar os acontecimentos de face e os problemas praticamente, num espírito realista – único que os pode resolver? As mesmas causas produzem inevitavelmente os mesmos efeitos. Oitocentos ou mil homens, estadistas ou não estadistas, não representam coisa alguma – ou representam demais. Ou não resolvem coisa alguma ou resolvem demasiado”<sup>30</sup>.

Com palavras tão claras e expressivas ouvia-se um pensador português a falar da Europa. Um português que, por acreditar nela, não concordava com os métodos usados para fazer a União. Considerava, até, “perigoso” que um programa de salvação da Europa se transformasse num projeto federal: “Nada mais perigoso do que submergir esse programa internacional, mínimo e imediato, na utópica e emaranhada concepção duma Federação de Estados, contrária, pelo menos por agora, a todas as tradições históricas, leis geográficas e aspirações da Europa”<sup>31</sup>.

Não há na Europa uma unidade original: só pela força pode ser encontrada. A ideia federativa, já apresentada por Carlos Magno, Napoleão ou Hitler, poderá vir a constituir uma fase possível da evolução da Europa. Mas o momento atual não se coadunava com tal projeto, que era, por isso, utópico: “O sonho será porventura tentador e magnífico. Mas, admitindo mesmo o discutível princípio, o facto é que, na melhor das hipóteses, longos anos ou mesmo séculos nos separam ainda dessa plena unidade dum Continente, organicamente transformado”<sup>32</sup>.

Com tão lúcidas palavras, Augusto de Castro mostra ser possível acreditar numa União Europeia. Mas o caminho para lá chegar terá de ser outro, numa Europa de diversidades que não é possível ignorar para unir. Numa Europa que nunca esteve tão longe de estar constituída, é impossível inventar um todo, ainda por cima, constitucional. A Federação é uma ideia impossível de realizar nos tempos mais próximos. Por isso, termina com um conselho:

---

30 *Idem, ibidem.*

31 *Idem, ibidem.*

32 *Idem, ibidem.*

“O que é preciso ó mil estadistas da Europa, é agir – e não falar. Do que se trata é de criar um núcleo de defesa ocidental que acuda às necessidades vitais da convalescença e defesa dum Ocidente empobrecido e ameaçado e que não pode viver indefinidamente numa espécie de hospício americano. E isso é imediato, é urgente, é claro e seria talvez mais fácil se se soubesse bem o que se quer e se quisesse bem o que se precisa. As altas concepções poderão vir depois. Os bons tenores poderão talvez cantar no fim. Por agora, limitemo-nos à tarefa calma, discreta – que só governos responsáveis podem levar a cabo – de arrumar, na medida do possível, esta desmantelada casa da Europa e de salvar e pôr de pé, sem riscos de tropeçar na primeira volta da estrada, um Ocidente indispensável à sobrevivência do Mundo civilizado”<sup>33</sup>.

### **Considerações sobre a Europa: após Haia**

Três editoriais do jornal *Diário de Notícias*, escritos com um intervalo de três dias, fazem uma série de considerações sobre o estado atual e futuro da Europa. O primeiro, intitulado “Os cinco técnicos”, fala da ideia de uma União Ocidental, ou seja, de uma solidariedade entre as nações do Ocidente, um novo projeto que alguns pareciam acreditar levar ao ressurgimento europeu, embora numa parte bem restrita da Europa. Parece apontar para uma defesa comum do Ocidente, embora cheia de fragilidades, devido aos ímpetos nacionalistas que persistem e às ideologias nacionais e internacionais.

Esta parece ser a Europa possível. Para isso se realiza, à data, o Congresso da União Parlamentar Europeia, em Interlaken, que discute um novo projeto europeu. A ideia a discutir prendia-se com a criação de um governo central da Europa Unida, a ser preparada por juristas de cinco países. Para Augusto de Castro, o assunto é alarmante:

---

33 *Ibidem*.

“O projecto da pretendida União, conforme as notícias publicadas, parece que, além de conter a indicação dos órgãos executivos e legislativos do novo super-Estado, prevê a extensão dos seus poderes, a sua jurisdição e função políticas, abrangendo além do domínio da acção diplomática e consular e organização de forças de defesa internacional... Lê-se isto e pasma-se que pela cabeça de cinco técnicos tenha passado, como uma concepção possível, mesmo em sonho de uma noite de Verão, à beira dum lago, esta peregrina imagem duma organização internacional destinada, a nestas bases, governar o Ocidente”<sup>34</sup>.

O autor considera, assim, não exequível a ideia de unir as dívidas públicas de dezasseis países, e de todos os que viessem a associar-se:

“Esta ideia extraordinária, nascida à beira dum lago suíço, afigura-se-nos de tal maneira ingénua ou maliciosa que roça as fronteiras do inverosímil. Imaginem que alguém queresse aplicar num mesmo prédio, aos inquilinos de todos os andares, a mesma regra – e que ao sujeito económico, razoável, do segundo andar, se iriam fazer pagar as dívidas de jogo do vizinho do rés-do-chão; que se punha tudo em comum, considerando tudo o mealheiro, penosamente defendido, duns, e as contas por liquidar da mercearia e do alfaiate dos outros locatários. Temos a impressão – e ousamos exprimi-la – de que os cinco técnicos não aplicariam, de bom grado, entre eles, este sistema da chamada *administração colectiva* que desejam propor como medida internacional”<sup>35</sup>.

Augusto de Castro não só não acredita nesta Europa, como desconfia, à partida, das intenções dos autores do Plano de Interlaken. A projetada União aplicar-se-ia, também, aos territórios ultramarinos, o que potencializa o seu perigo para as nações envolvidas. Além de envolver a necessária alienação de soberania, os cinco com territórios ultramarinos, entre os quais Portugal, ficariam duplamente prejudicados:

“Talvez fosse bom fixarmos todos, antes de mais nada – e duma maneira precisa – que União Ocidental ou Federação ou Império não significa espoliação e que a casa de cada um, enquanto existir, é a casa de cada um. Só depois disto bem entendido é que podemos entender-nos”<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> “Os cinco técnicos”, *Diário de Notícias*, 1 de setembro de 1948, p. 1.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

O seu discurso não é, apenas, crítico porque entende que é necessário qualquer espécie de União da Europa, para a salvaguardar e preservar a paz no Mundo. E essa solidariedade europeia implica cedências de soberania da parte dos Estados. No entanto, devem circunscrever-se, na sua opinião, ao estritamente necessário para salvaguardar o bem comum: é esse o custo de qualquer cooperação ou associação. Não implica a organização de um superestado, nem a continuação de Estados livres e autónomos. As individualidades próprias de cada um devem manter-se, muito concretamente aquelas relacionadas com o pluralismo histórico-cultural da Europa: “Cautela! Não arranjem um Programa de União que venha a ser de Desunião Ocidental. Porque, no que diz respeito a desunião, a que há, louvado Deus, já chega”<sup>37</sup>. As utopias podem ser perigosas para a Europa.

Portugal já tinha sido referido no editorial anterior, a propósito das suas colónias ultramarinas, mas será objeto de atenção especial no seguinte: “Portugal na *União do Ocidente*”. Referia-se a um artigo de Duff Cooper, antigo embaixador da Grã-Bretanha, próximo de Churchill, publicado em *Le Monde*, que parte do princípio evidente da existência de dois impérios: Os Estados Unidos e a Rússia. O perigo eminente de eclodir um conflito mundial exigia uma terceira força, sendo assim, era desejável a União da Europa Ocidental. Esse terceiro império criaria as condições de estabilidade necessárias para a Paz no Mundo. As tentativas feitas até esse momento centraram-se na aliança franco-inglesa, “primeira pedra do grande edifício a construir”<sup>38</sup>. Duff Cooper defende que a ideia deveria ser retomada, prolongando as negociações políticas com outros países do Ocidente, nomeadamente com o Benelux e com Portugal: “Portugal que é nosso mais velho aliado, deveria vir no alto da lista. Com Portugal, seguir-se-á o resto da Península Ibérica”<sup>39</sup>. Seguir-se-iam Itália, Grécia, Turquia e Egito e as monarquias escandinavas. Des-

---

37 *Ibidem*.

38 “Portugal na *União do Ocidente*”, *Diário de Notícias*, 4 de setembro de 1948, p. 1.

39 *Ibidem*.

ta União inicial poderia resultar uma união mais alargada que se relacionasse com os continentes africano e asiático:

“Esta associação – porque não baptizá-la de Império do Ocidente, que conviria melhor do que União Ocidental? – tornar-se-ia o mais poderoso dos três blocos que se partilham a terra. A sua superioridade sobre os seus outros dois competidores afirmar-se-ia tanto na superfície dos seus territórios como no número dos seus habitantes e na riqueza das suas matérias-primas”<sup>40</sup>.

Augusto de Castro concorda com a solução proposta pelo antigo embaixador inglês em Paris. Essa parece ser a via para constituir uma verdadeira política de unidade ocidental, a única capaz de “salvar o mundo”:

“Tal é a corajosa tese de Duff Cooper. Pela primeira vez, nos últimos tempos, a grande ideia de uma verdadeira política de unidade ocidental – única, na verdade, que pode salvar o Mundo – é posta com a clareza, o desassombro e a largueza de vistas de uma expressão política. Pela primeira vez se sai da nebulosa dos discursos, das promessas retóricas, do palavreado oficial, das reticências ideológicas – para encarar publicamente o problema nas suas realidades vivas, nas suas possibilidades continentais e, sobretudo, na grandeza do seu pensamento europeu e construtivo”<sup>41</sup>.

Em conclusão, a única solução objetiva encontra-se numa solidariedade europeia, fundamentada politicamente em critérios objetivos e não demagógicos. Essa via seria a Associação Ocidental de Estados, já ambicionada, segundo aquele editorial, por Salazar, que defendia as imensas possibilidades do Ocidente. Mas nesse novo império permaneciam intactas as soberanias nacionais. Tratava-se, antes, de construir uma verdadeira, e possível, unidade ocidental a partir de ações políticas concretas. Portugal, como reconhecia Duff Cooper, pela sua posição geográfica, devia desempenhar um papel impulsionador nessa associação. O seu imenso império e a ligação ao Atlântico atribuíam-lhe um papel

---

40 *Ibidem.*

41 *Ibidem.*

inquestionável na constituição de uma ligação Euro-África, base do renascimento económico do Ocidente.

Finalmente, o editorial sobre “A organização do Ocidente” completa esta trilogia sobre a solidariedade europeia a construir. Evocando a ideia latina para fundamentar uma consciência comum ocidental, Augusto de Castro defende a sua necessidade para a defesa e sobrevivência do Ocidente. Face aos dois imperialismos presentes – anti e extraeuropeus – é necessário criar um novo equilíbrio. Trata-se de uma evidência política e que, por isso, não precisa de demonstração. No entanto, parece que nem os espíritos europeus mais ilustrados conseguem vislumbrar a solução:

“A vida internacional, como toda a vida espiritual, está a ressentir-se deste clima ardente de arena e de feira. Em cada canto do Mundo há uma barraca com um Congresso, uma Conferência, um Parlamento, uma Assembleia de doutos salvadores dos povos – e um ruído ensurdecador de campanhas, de programas, de concepções, de projectos, de guizos de publicidade assola, dum lado ao outro, a Terra. No meio desta barafunda, todas as ideias perdem o pé. E esta grave, justa, razoável e previdente ideia ocidental, está em riscos de ser desfigurada ao ponto de, à força de apregoada, esticada, soprada, inchada ou esvaziada, perder a forma e a configuração políticas que a poderiam tornar, para as contingências do nosso tempo e nas mãos de realizadores conscientes, a única criação verdadeiramente sólida duma possível Paz europeia”<sup>42</sup>.

Nas condições atuais, só seria possível uma União Ocidental através de esforços políticos concretos e não “visionários”. Em primeiro lugar, criando uma consciência ocidental, sem estar fundamentada em ideologias político-partidárias; depois, sem exclusivismos, considerando a amplitude do significado de Ocidente, uma expressão política, mas, também, contendo uma solidariedade geográfica. Embora mantendo a sua soberania, os estados devem ter limites, contra os quais não podem agir, em nome dessa solidariedade, manifestada, por exemplo, na questão da defesa do Ocidente. Mas essa solidariedade deve respeitar as ligações ao ultramar, no caso, por exemplo, de Portugal, e as legítimas aspirações de uma frente euro-africana, e partir da realidade europeia.

---

42 “A Organização do Ocidente”, *Diário de Notícias*, 7 de setembro de 1948, p. 1.

### **c) Que Europa?**

#### **Uma utopia?**

Com toda a convicção, Pinheiro Torres não acredita nos Estados Unidos da Europa: “O malogro da Conferência da Haia mostrou o que já era para nós uma certeza – que os Estados Unidos da Europa são uma utopia; ideia belíssima como todos os ideais, mas que, implica o absurdo desconhecimento dos povos em jogo, da massa que se pretende modelar”<sup>43</sup>. Afinal, verdadeiramente, os Estados Unidos da Europa parecem não agradar a ninguém. Não agradam à França, que tem medo da Alemanha, à Alemanha que não se quer sentir anexada, nem às pequenas potências que temem perder a sua identidade nacional. Para o autor, tratou-se de um “arranque poético de Mister Churchill” e não satisfaz nenhuma das nações interessadas. Concorde com Salazar quando diz que a Europa federal não tem futuro, acima de tudo, por tornar secundárias as razões fundamentais da vida das nações, tantas vezes defendidas em guerra. Todos os povos têm o direito a disporem de si mesmos, e a tentativa de unir o Ocidente e o Oriente não é exequível, até pelo antagonismo entre civilização cristã e comunismo. O que interessa, acima de tudo, é manter o concerto das soberanias nacionais e não aniquilá-las. É esta a posição de Portugal, “reserva moral do Ocidente”. A civilização ocidental tem características e fundamentos próprios que não podem ignorar-se a favor de uma realidade inventada. Portugal e Espanha podem servir de modelo à Europa, à Europa nova com fundamentos longínquos.

#### **“Os dois polos da Anti-Europa”: Manuel Anselmo**

Manuel Anselmo tenta responder às grandes questões europeias: “será possível, hoje, integrar a Europa sem a Rússia?; será possível, hoje, salvar a cultura tradicional portuguesa das influências americanas, an-

---

<sup>43</sup> Pinheiro Torres, “União Europeia”, *A Voz*, 1 de junho de 1948, pp. 1 e 5.

ti-corporativas porque capitalistas?”<sup>44</sup>. O autor não acredita que a Rússia seja capaz de integrar a Europa. Os seus tradicionais valores absolutos não se coadunam com os valores europeus. O nacionalismo da Rússia não poderá abrir-se ao universalismo europeu; ela destruiu os valores da Europa clássica e parece ter seguido os da Ásia. A hegemonia da Ásia sobre a Europa foi o caminho político percorrido, que não permite voltar atrás. A “mística socialista” não se harmoniza com a política europeia. No entanto, entre a Ásia e a América, Anselmo prefere o segundo continente, já que cabe à América ser “herdeira de civilização (não confundir com cultura) que nós, europeus, lá levámos, sobretudo os ibéricos”<sup>45</sup>. A América é, também, herdeira da tradição europeia.

### “A Península cabeça da Europa”

No jornal *A Voz*, Manuel Anselmo publicou um artigo intitulado “A Península cabeça da Europa”, defendendo que aquele espaço geográfico foi e continua a ser um reservatório dos valores europeus: “A Espanha é neste xadrez da Europa, uma peça de alto valor. Quis-se, algumas vezes, fingir acreditar o contrário. Mas a verdade breve se fez manifesta e impiedosa – não se pode reconstruir a Europa, nem defender a Europa sem a Espanha. Para o compreender basta ver o mapa”<sup>46</sup>. Com estas convictas palavras, e citando Duff Cooper, o autor considera que qualquer defesa do Ocidente, ou “Império do Ocidente”, terá de ter como cabeça a Península Ibérica:

“Este *Império do Ocidente*, esta muralha de moral e justiça – e de força também – deve abarcar todas as nações de civilização cristã, deve ser a projectada União Europeia, até agora apenas esboçada e pouco mais que teórica. À cabeça dela deve estar Portugal, como diria novamente Camões, se vivo fosse. E com Portugal deve ser admitida nela toda a Península, isto é, Portugal e Espanha”<sup>47</sup>.

---

44 Manuel Anselmo, “Os dois polos da Anti-Europa”, *A Nação*, 15 de maio de 1948, pp. 1 e 4.

45 *Idem, ibidem.*

46 *Idem, ibidem.*

47 *Ibidem.*

O que interessa na opinião do articulista, que apenas usa como assinatura C. M., é tornar efetiva uma defesa ocidental, como argumentou, em Paris, Caeiro da Mata, ministro dos Negócios Estrangeiros, único na altura a tomar aquela posição quando se falava da União do Ocidente. Uma União que não podia deixar de fora Espanha, essencial a qualquer política europeia: “A Espanha é, na verdade, necessária ao concerto do Mundo. Com Portugal, ela é cabeça da Europa, na expressiva e eterna expressão camoneana”<sup>48</sup>.

### **“Um Formidável Reservatório Humano”: Bertrand de Jouvenel**

Finalmente, seleccionámos uma entrevista feita a Bertrand de Jouvenel, pelo *Diário Popular*, e publicada naquele periódico, a 18 de junho de 1948, já depois de Haia e durante o, ainda, período de balanço sobre o Futuro da Europa. Para os mais otimistas, os resultados ficaram aquém das expectativas, para os moderados, o importante foi ter-se discutido o papel da Europa no Mundo e a sua própria reorganização para se tornar mais eficaz quer interna quer externamente. Para os que não acreditavam na União Europeia, Haia tinha sido a prova de que os Estados Unidos da Europa eram uma utopia. Mas o que é certo é que a Europa existia e, para todos, tinha um papel a desempenhar na vida internacional, fosse pelo repertório cultural e histórico que servia de referência a todo o mundo, ou pela sua, ainda, hegemonia no concerto das nações. A Europa continuava a ser uma referência para o Mundo. A Europa tinha futuro.

É essa a posição de Bertrand Jouvenel, quando, na entrevista publicada pelo periódico referido, afirma: “A Europa é ainda hoje um formidável reservatório humano sem paralelo no mundo”<sup>49</sup>. Uma “entrevista oportuna” feita ao escritor, também homem de ação sempre que as circunstâncias o exigiam, mesmo que tivesse de se disfarçar, depois,

---

<sup>48</sup> *Ibidem*.

<sup>49</sup> Ver “Uma entrevista oportuna – A Europa é ainda hoje um formidável reservatório humano sem paralelo no Mundo, diz-nos o escritor Bertrand de Jouvenel”, *Diário Popular*, 18 de junho de 1948, pp. 1 e 12.

de monge beneditino na Abadia de Pierre-qui-vire para conseguir passar para a Suíça. O autor de *Economia Dirigida* (1928) ocupava-se dos problemas do seu tempo: viajando pela Inglaterra e Estados Unidos escreveria *A crise do Capitalismo Americano* (1933) e passaria a refletir sobre a Europa. Que sentido para a Europa? – eis a interrogação fundamental do escritor e jornalista, que escreve sobre os acontecimentos do seu tempo, marcados por uma Europa que, embora com um património histórico incomparável, está cheia de indefinições sobre o seu futuro. Uma Europa marcada por totalitarismos que alguns, como Jouve- nel, ousam questionar: *Quelle Europe?* e *Du Pouvoir* são obras que denunciam as angústias e as sombras de um tempo vivido na Europa que urge ultrapassar.

A referida entrevista que encontrámos ocorreu numa viagem de Ber- trand de Jouvenel a Lisboa, motivada pela preocupação do *Diário Popu- lar* em torno da situação europeia<sup>50</sup>. A questão fundamental era que o problema da Europa não era apenas dela própria, mas de toda a civili- zação mundial. O destino europeu influenciava o destino de toda a hu- manidade, tornando-se, por isso, um problema universal. Nessa vocação universal, encontrava-se Portugal, um povo com uma “grande missão a cumprir”, continuando o seu passado das descobertas. Embora Europa tivesse uma história gloriosa, “a situação europeia era terrível. Nunca a Europa se viu com tão pouca força para resistir a tão perigosas ameaças do exterior. [...] este continente, velho centro das riquezas mundiais, não pode viver sem as dádivas generosamente oferecidas aliás, dos Estados Unidos da América”<sup>51</sup>. Mas o papel que a Europa representa no mundo não acabou, nem estão esgotadas as energias europeias:

---

50 É de salientar que o *Diário Popular* não só acompanhou as notícias sobre a Europa, como também dinamizou nas suas páginas o surgimento de um movimento português sobre as questões europeias, nomeadamente pelo apoio dado à divulgação da ideia de criação de um Centro de Estudos Europeus em Portugal. Este assunto será tratado na II Parte deste trabalho.

51 Entrevista a Bertrand de Jouvenel, *Diário Popular*, 18 de junho de 1948, pp. 1 e 12.

“Podiam, realmente, as energias europeias ter-se esgotado depois de uma vida intensa no ultramar onde criou tantas nações poderosas e florescentes. Veja, por exemplo, as imensas realizações de Portugal na América do Sul, o Brasil, esse povo magnífico criado pelo povo português! Mas não creio que através dessa extraordinária evolução os europeus consumissem mais energias! Parece-me que, pelo contrário, a Europa ainda hoje é um formidável reservatório humano, sem paralelo no mundo. Simplesmente, as nossas forças paralisaram. Os europeus estão acorrentados”<sup>52</sup>.

Será que a Europa estava, de facto, acorrentada? Embora a parte ocidental permanecesse livre, as “correntes” que a prendiam não eram, como no Oriente, políticas, mas encontravam-se numa “submissão que nos fazia retroceder à época de Bizâncio...[...]. O fim ou continuação do papel da Europa no Mundo depende de nós: permitir-se-á ao homem europeu desdobrar as suas energias ou haverá a intenção de paralisá-lo progressivamente, de maneira a transformá-lo em múmia viva, sacrificado nos seus pequenos ódios e querelas? Eis a questão”<sup>53</sup>. Uma questão pensada em português sobre a Europa do futuro.

Estes foram os ecos de Haia, recebidos pela imprensa portuguesa. É de salientar a sua quantidade e qualidade, de onde podemos aferir o interesse pela Europa. Além das notícias sobre o Congresso da Europa, que seria normal serem cobertas pelos jornais, o mais interessante são, a nosso ver, as reações em Portugal sobre a Europa. Uma Europa que não está à margem do próprio destino português e, por isso, é objeto de (pre)ocupação. De salientar, também, a diversidade de opiniões sobre o futuro europeu, desde os que acreditam no “sonho” dos Estados Unidos da Europa, aos “profetas da desgraça”, ou seja, os que não acreditam em qualquer espécie de União Europeia. A meio caminho, estão os outros, os que têm consciência da fragilidade da ideia de federação europeia, mas acreditam numa Europa Unida.

---

52 *Idem, ibidem.*

53 *Idem, ibidem.*

## **Bibliografia**

CASTRO, Augusto de, *Imagens da Europa: Vistas da minha Janela*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1936.

Comité Internacional de Coordenação dos movimentos para a Unidade Europeia, *Résolutions*, Paris-Londres, 1948.

GERBET, Pierre, *La construction de l'Europe*, Paris, Imprimerie Nationale, 1994.

*60 Anos de Europa. Os Grandes Textos da Construção Europeia*, Lisboa, Parlamento Europeu, 2008.

Denis de Rougemont, *L'Europe en Jeu: trois discours suivis de documents de La Haye*, Neuchâtel, Éditions de la Baconnière.

-----, *Ving-huit siècles d'Europe*, Paris, Payot, 1961.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, *A ideia de Europa. Uma perspectiva histórica*. Coimbra, Quarteto Editora, 2003.